

AS GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS DE FERNÃO DE OLIVEIRA (1536) E DE BENTO PEREIRA (1672)

Gonçalo Fernandes
CEL, UTAD

1. A *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (Lisboa 1536) de Fernão de Oliveira

Fernão de Oliveira (1507-1581), um “exímio cultor do português do seu tempo (), erudito e sábio, latinista, renovador da retórica de Quintiliano” (ASSUNÇÃO 1997: 42), terá nascido em Aveiro em 1507, ingressou na ordem de S. Domingos em 1520, abandonou o hábito, publicou a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* em 1536, entrou para a hierarquia eclesial secular, foi aprisionado por galés francesas entre Barcelona e Génova em 1541, regressou à pátria em 1543 na companhia do Núncio da Santa Sé em Portugal, foi feito prisioneiro de Inglaterra, frequentando a corte dos reis ingleses Henrique VIII e Eduardo VII, que motivou, em 1547, a sua prisão pela Inquisição, saindo em liberdade apenas em 1551 e, no ano seguinte, participou, na qualidade de capelão real, numa expedição ao norte de África, acabando, uma vez mais, por ser preso, conseguindo ir a Lisboa, em 1553, negociar a libertação dos seus compatriotas. Em 1554, D. João III (1521-1557) nomeia-o revisor tipográfico da Universidade de Coimbra, lecionando aí também retórica, publicou a *Arte da Guerra do Mar* (Coimbra 1555) e, em 1557, voltou a ser preso pela Inquisição e terá falecido em Pedrógão em 1581.

A *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (Lisboa 1536) é a primeira gramática do Português e a terceira a ser publicada de uma língua romance em toda a Europa. Com esta obra, Oliveira pretendeu fundamentalmente estabelecer os princípios normativos da língua portuguesa de quinhentos, especialmente no respeitante à ortoépia. A *Grammatica* está dividida em capítulos, cinquenta no total, com exclusão da dedicatória-prefácio, onde se patenteia o objetivo fundamental do autor, descrição fonética da língua portuguesa em contraste /

por oposição com a castelhana e latina e na afirmação da sua autonomia face às restantes.

Oliveira ambicionou “em dizer não tudo, mas apontar alghũas partes necessareas da ortografia, acento, etimologia e analogia da nossa linguagem, em comum e particularizando nada em cada dição” (OLIVEIRA, 2000: 82). O gramático beirão dedicou vinte e quatro capítulos à fonética e ortografia (VI-XXIX), treze à lexicologia (XXX-XLII), seis à morfologia (XLIII-XLVIII) e apenas um à sintaxe ou construção (XLIX). No último capítulo (L), em posfácio, Oliveira reflete sobre a novidade da obra e a sua escusa a críticas não fundamentadas, pois, como afirma, não teve outro exemplo antes e não a escreveu com malícia, podendo esta ser emendada se assim o entender o público-alvo. Apresenta o seu conceito de gramática como “arte que ensina a bem ler e falar” (OLIVEIRA, 2000: 87), assinalando a finalidade principal da obra: por um lado, esta devia ser didática, pois o seu objetivo essencial era “ensinar”, e o conteúdo desses conhecimentos / ensinamentos devia ser a norma fonética ou a ortoépia portuguesa, pois o aluno tinha de ser capaz de “ler bem” e “falar bem”. Esta é a ruptura epistemológica mais evidente na *Grammatica* de Oliveira, pois este não faz qualquer referência à norma escrita, como era habitual na época e na tradição gramatical.

O gramático português quinhentista, apesar de não estabelecer explicitamente o número das classes de palavras ou das partes da oração, aceita as oito “tradicionais”¹ da gramática latina, ao contrário, por exemplo, de Nebrija na *Grammatica de la Lengua Castellana*, que dividiu em dez categorias, o que — com o tratamento da consoante lateral dupla < ll >, que representava o fonema /ɲ/, entre outras diferenças — nos leva a supor que Oliveira não conheceu a referida obra do gramático salmantino, mas apenas as *Introductiones Latinae*. Com efeito, para Fernão de Oliveira, a língua portuguesa é constituída por oito partes da oração ou “dições”: nome, verbo, artigo [fol. 31 r. - fol. 32 r.: pp. 140-143], pronome [fol. 35 r. - fol. 35 v.: pp. 149-150], advérbio [fol. 23 v.: pág. 126; fol. 30 v.: pág. 140], conjunção [fol. 22 v.: pág. 124], preposição [fol. 22 v.: pág. 124], e interjeição [fol. 9 v.: pág. 98]. O nome é subdividido em substantivo (comum e próprio, diminutivo e aumentativo, verbal e denotativo) e adjetivo, e o verbo, em pessoal e impessoal [fol. 28 r.: pág. 134].

Quanto aos casos, Oliveira, diferentemente do Latim, admite haver (apenas) quatro em Português e propõe uma nova designação: “Prepositivo”, a que

¹ Não são propriamente as oito partes “tradicionais” latinas, pois Oliveira retira o particípio da sua lista, colocando-o no nome (assim como o gerúndio), e inclui, como os gregos, o artigo.

os latinos chamaram nominativo; “Possessivo”, que corresponde ao genitivo das línguas clássicas; “Dativo”; e “Pospositivo”, que é o acusativo da Latim (Cfr. OLIVEIRA, 2000: 141). Contudo, para Oliveira, estes estão marcados fundamentalmente pelos “artigos” (preposições), ainda que admita a existência de restos de casos nos pronomes pessoais: “E contudo nós também temos casos em três pronomes, os quaes são *eu, me, mi, tu, te, ti, se, si*” (OLIVEIRA, 2000: 150).

Relativamente à “declinação” dos verbos, Oliveira admite que estes variam em “generos, conjugações, modos, tempos, numeros e pessoas” (OLIVEIRA, 2000: 150). Parece haver uma ligeira confusão, já que Oliveira admite o género (comum? ou indeterminado?) na primeira pessoa do singular do presente do indicativo das formas terminadas em *-o* (Cfr. OLIVEIRA, 2000: 150). As conjugações são três na língua portuguesa, “o qual infinitivo ou acaba em **ar**, como *amar*, ou em **er**, como *fazer*, ou em **ir**, como *dormir*” (OLIVEIRA 2000: 151). Para Oliveira, os modos são quatro (“*falamos, falemos, falae e falar*”), os tempos também são quatro (“*falo, falava, falei e falarei*”), os números, dois (“*falo e falamos*”), as pessoas, três (“*falo e falamos, falas e falaes, fala e falam*”), ainda que os não tenha especificado, ou melhor, atribuído qualquer denominação (Cfr. OLIVEIRA, 2000: 151-152). Interessante é Oliveira não ter classificado o futuro do pretérito (Nomenclatura Gramatical Brasileira) ou o condicional (Nomenclatura Gramatical Portuguesa) entre os tempos nem entre os modos verbais.

Oliveira analisa desenvolvidamente a fonética portuguesa do século XVI, apresentando a definição de “letra” e classificação dos sons do Português, a ortografia, a especificidade da fonética portuguesa em oposição à latina, a classificação das vogais e consoantes, os ditongos e a prosódia portuguesa. Com efeito, “letra”, para Oliveira, é sinónimo de fone ou, eventualmente, fonema; “sinal” e “figura” equivalem a grafema (Cfr. OLIVEIRA 2000: 89), não havendo assim confusão entre os dois conceitos, como acontecia, por exemplo, em Nebrija. Defende o gramático quinhentista que o Português tinha um número diferente de fonemas que o Latim e o Castelhana, pois, “nós com os castelhanos que somos mais vezinhos concorremos muitas vezes em hũas mesmas vozes e letras. E contudo não tanto que não fique alghũa particularidade a cada hum por si: hũa só voz e com as mesmas letras, e a nós e aos castelhanos guerra e papel. E, no pronunciar, quem não sentirá a diferença que temos, porque elles escondem-se e nós abrimos mais a boca?” (OLIVEIRA, 2000: 91). Para chegar, contudo, à conclusão da função distintiva dos “fonemas”, Oliveira usou o método da comutação, já anteriormente experimentado por Nebrija e somente sistematizado pelo Círculo Linguístico de Praga, que criou, em 1926, a Fonologia. Oliveira é bem claro

na seguinte passagem: “Só mudar hũa letra, hum acento ou som, e mudar hũa quantidade de vogal grande a pequena ou de pequena a grande, e assi também de hũa consoante dobrada em singela ou, ao contrairo, de singela em dobrada, faz ou desfaz muito no sinificado da lingua” (OLIVEIRA, 2000: 94).

Os fonemas ou, na sua terminologia, as “letras” dividem-se em vogais e consoantes (Cfr. OLIVEIRA, 2000: 89). Dentre as primeiras, distinguem-se oito fonemas diferentes. Ao contrário de Nebrija na *Gramática de la Lengua Castellana*, Fernão de Oliveira distingue entre vogais abertas (“grandes”) e fechadas (“pequenas”), à exceção da vogal palatal e velar. Assim, para o gramático luso, o Português do século XVI tinha os oito seguintes fonemas vocálicos: /a/, /α/, /ε/, /e/, /ɔ/, /o/, /i/ e /u/. É interessante ainda o facto de Oliveira apresentar apenas exemplos tónicos para demonstrar esta teoria, como *Almada*, *Alemanha*, *festa*, *festo*, *fermosos* e *fermoso*, e uma proposta de grafia diferente da habitual, muito próxima da *International Phonetics Association*, ainda que, para Buescu, o uso dos caracteres gregos se deva, primeiramente, a Gian Giorgio Trissino (1478-1550) e, mais tarde, a Leonardo Salviati (1540-1589) em quem Oliveira se terá baseado (Cfr. BUESCU, 1971: LXI-LXII; Cfr. tb. BUESCU, 1975: 24-27). Com efeito, para Oliveira, “temos oito vogaes na nossa lingua, mas não temos mais de cinco figuras (...). O remedio que eu a isto posso dar é este: que nas vogaes grandes dobremos as letras, mas de tal feição que o dobrar dellas se faça em hum mesmo lugar e figura — o **a** nesta forma α, e **e** nesta ε, e **o** também nestoutra ω; e os pequenos nas formas acostumadas” (OLIVEIRA, 2000: 91-92), embora não haja “diversidade em **i** nem **u**” (OLIVEIRA, 2000: 91). Para uma mais fácil visualização, poderíamos traçar o seguinte quadro, com a nomenclatura usada por Oliveira, a descrição do grafema proposto, a correspondência fonológica atual e o exemplo apresentado pelo gramático quinhentista:

Nome do som	Grafema proposto por Oliveira	Fonema atual	Exemplo
a grande	< a >	/a /	<i>Almada</i>
a pequeno	< α >	/α /	<i>Alemanha</i>
e grande	< ε >	/ε /	<i>Festa</i>
e pequeno	< e >	/e /	<i>Festo</i>
o grande	< ω >	/ɔ /	<i>Fermosos</i>
o pequeno	< o >	/o /	<i>Fermoso</i>
i	< i >	/ i /	
u	< u >	/ u /	

A precocidade ou o pioneirismo de Oliveira nesta análise fonético-grafémica pode, por exemplo, constatar-se comparando o seu quadro (pré-) teórico com a(s) perspectiva(s) de alguns fonólogos atuais. Com efeito, presentemente, alguns fonólogos — e nem todos — apenas adicionam o fonema /ə/ em posição pós-tónica final (Cfr. MATEUS 1996: 172). Quanto ao vocalismo tónico ou acentuado, por exemplo, Morais Barbosa (Cfr. BARBOSA, 1983: 51) e Ricardo Cavaliere (Cfr. CAVALIERE, 2005: 73) referem os mesmos oito que Oliveira.

Fernão de Oliveira diferencia também as vogais nasais e, nesse caso, apenas considera cinco fonemas (tónicos): /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/ e /ũ/, como propõe, hoje, v.g., Morais Barbosa (Cfr. BARBOSA, 1983: 91), Mira Mateus (Cfr. MATEUS, 1996: 175) e Ricardo Cavaliere (Cfr. CAVALIERE, 2005: 86). Com efeito, para Oliveira, “[as vogais] mudam a voz porque não é a mesma voz *vila* e *vilã*; mas o til que lhe posemos muda a calidade do **a** de clara voz em escura e mete-o mais pellos narizes. Outro tanto nas outras vogaes como **e** e **ẽ**, **i** e **ĩ**, **o** e **õ**, **u** e **ũ**, onde o til faz alghũa cousa e tem poder alghum” (OLIVEIRA 2000: 101). É ainda “importante assinalar que esta caracterização da vogal nasal como som vocálico simples representa uma notável contribuição de Oliveira, pois é a primeira vez que as vogais nasais são consideradas como tais na România (e talvez seja a primeira vez em geral)” (COSERIU 2000: 37-38).

2. A *Ars Grammaticae Pro Lingua Lusitana* (Lyon 1672) de Bento Pereira

Bento Pereira nasceu em Borba, no Alentejo, em 1605, entrou para a Companhia de Jesus, estudou em Coimbra e em Évora, publicou a *Prosodia in vocabularium trilingue Latinum Lusitanum et Castellanicum digesta* (Évora 1634), as *Regras Gerays, breves, e comprehensivas da melhor Orthografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina, e Portugueza, para se ajuntar á Prosodia* (Lisboa 1666) e a *Ars Grammaticæ pro Lingua Lusitana addiscenda* (Lugduni 1672), tendo sido, entre 1670 e 1672, o revisor geral da Companhia de Jesus e Reitor do Seminário dos Jesuítas Irlandeses em Lisboa, e faleceu em Évora em 1681.

Bento Pereira não é, *strictu sensu*, um gramático nem um ortógrafo nem um lexicógrafo, mas, fundamentalmente, um homem das letras e um pedagogo, um cultor das humanidades. Procurou sempre, ao logo da sua vida, elaborar manuais que satisfizessem as necessidades de ensino-aprendizagem, particularmente, da língua portuguesa, uma vez que ainda não havia, em Portugal, uma disciplina que ensinasse a língua materna (ou gramática portuguesa), facto que

se veio a verificar apenas um século depois, em 1770, por Alvará Régio de 30 de Setembro. Como jesuíta, Bento Pereira seguia as instruções da *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* ou, como ficou conhecida, da *Ratio Studiorum*, “promulgada por circular de 8 de Janeiro de 1599” (TORRES 1998: 86), onde se propugnava o ensino do Latim pela gramática do P.e Manuel Álvares, *De institutione Grammatica Libri Tres* (Lisboa 1572), e adoptada em todos os colégios dos jesuítas. A língua de transmissão aí defendida era o Latim, a nosso ver por três razões fundamentais (Cfr. FERNANDES, 2002: 325-326): 1.^a) internacionalização da sua gramática, para servir para todos os colégios jesuíticos; 2.^a) o Latim era, nessa altura, a língua franca de comunicação internacional (PONCE DE LEÓN, 2000: XLIV); e 3.^a) a apologia do uso do Latim como metalíngua para o ensino-aprendizagem das ciências, em geral, e do Latim, em particular.

Contudo, na primeira metade do século XVII, esta metodologia iria ser profundamente alterada em Portugal, em virtude, especialmente, de as obras de Pedro Sánchez (1610) e de Amaro de Roboredo (1615-1625) terem sido re-digidas em Português e de os seus autores defenderem o uso da língua materna como metalíngua. Este facto motivou que outros gramáticos escrevessem as suas obras em Português, como, por exemplo, Bartolomeu Rodrigues Chorro (1619), Domingos de Araújo (1627), Frutuoso Pereira (1636), João Nunes Freire (1644) e António Franco (1699). Bento Pereira, apesar de ter escrito em Português o *Florilegio dos modos de fallar e adagios da lingua portugueza* (Lisboa 1655) e as *Regras geraes, breves e comprehensivas da melhor orthographia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua latina e portugueza* (Lisboa 1666), sentiu necessidade de escrever uma gramática da língua portuguesa especialmente para os estrangeiros que quisessem aprender o idioma luso. Por isso, também como Álvares, fê-lo directamente em Latim, denominando-a *Ars Grammaticæ pro Lingua Lusitana addiscenda Latino Idiomate proponitur, in hoc libello, velut in quadam academiola divisa in quinque classes, instructas subselliis, recto ordine dispertitis, ut ab omnibus tum domesticis, tum exteris frequentari possint*² e foi publicada em Lyon, em 1672, exactamente um século depois da *De Institutio Grammatica Libri Tres* de Manuel Álvares — nesta época, Bento Pereira era o revisor geral da Companhia de Jesus e o Reitor do Seminário dos Jesuítas Irlandeses em Lisboa, tendo de conviver, por isso, com

² “A Arte de Gramática para se aprender a Língua Portuguesa publica-se no idioma Latino, por este livro, assim como em qualquer escola, dividida em cinco classes, ordenadas pelos graus, distribuídas pela ordem correcta, para que possam ser frequentadas por todos, tanto os nativos como os estrangeiros”.

muitos estrangeiros —. Ainda no título está registado que, no final da gramática, há um excurso sobre a ortografia portuguesa: *Ac finem ponitur Orthographia, ars recte scribendi, ut sicut prior docet recte loqui, ita posterior doceat recte scribere linguam Lusitanam. In gratiam Italarum conjugationibus Lusitanis Italæ correspondent*³.

Este facto — de ter escrito a gramática e, especialmente, a ortografia portuguesa em Latim — acarretou-lhe, acérrimas críticas, particularmente na reforma pombalina, cerca de um século depois, por, por exemplo, de Luís António de Verney (1747) e de António José dos Reis Lobato (1770) (FONSECA, 2006: 160): “E tomara que me dissessem (...) por que razão se haja de carregar a memória dos pobres estudantes com uma infinidade de versos latinos, e outras coisas que não servem para nada neste mundo. Chega este prejuízo a tal extremo, que o P.e Bento Pereira escreveu uma Ortografia Portuguesa em Latim” (VERNEY, 1949-52 [1747]: 141); “Da Arte do P. Bento Pereira, impressa em Londres [*sic*] no anno de 1672, podia deixar de fallar por duas razões: 1.º Por ser escrita na lingua Latina, por cuja razão só póde servir para aquelles, que tiverem ciência da dita lingua: 2.ª Por se achar este Author reprovado por Sua Magestade Fidelissima; porém como poderão dizer, que a reprovação só cahe sobre a Prosodia Latina do mesmo Author, e não sobre a dita Arte, se me faz preciso mostrar-lhes, que se esta não está reprovada, o estão algumas das suas doutrinas, por serem as mesmas, que seguiu o P.e Manoel Alvares na sua Grammatica Latina, de que Sua Magestade Fidelissima prohibio o uso nas escolas” (LOBATO, 2000 [1770]: 127-128).

Para além da referência ao título, na dedicatória *Ad Mariam semper virginem Dei matrem*, Bento Pereira é claro quanto ao público preferencial desta obra: “Meus iste liber nuncupatur *Ars Grammaticæ* pro Lusitanorum lingua ab exteris nationibus addiscenda”⁴ (PEREIRA 1672: “ad Mariam”, ã 4 r.). E justifica-o com a propagação da fé católica entre os povos “bárbaros” e incultos, “ut quicumque velint Lusitanam linguam addiscere, possint in omni vastissima Lusitanorum ditone inter barbaras, & incultas nationes Christianas fidei esse propagatores”⁵ (PEREIRA 1672: “ad lectorem”, ã 5 r.). Também

³ “E no fim coloca-se a Ortografia, a arte de escrever correctamente, para que, do mesmo modo que, primeiro, ensine a falar bem, assim também, depois, [ensine] a escrever correctamente a lingua portuguesa. Para reconhecimento dos Italianos, as conjugações italianas correspondem às Portuguesas”.

⁴ “Este meu livro chama-se Arte de Gramática da língua dos Portugueses para ser aprendida pelas nações estrangeiras”.

⁵ “de modo a que todos aqueles que queiram aprender a língua Portuguesa, possam ser propa-

no Prefácio “Ad lectorem”, Bento Pereira, para além da evangelização dos infiéis, acrescenta o comércio como condição básica para o uso do Português como língua de comunicação e aproximação entre os povos: “Cum vero in me patriæ amor, frigescente ætate non frigeat, sed magis ac magis exardescat, hoc potissimum tempore, quo vídeo Lusitanam, postquam feliciter pugnavit, pace, quam libens concessit, quiescere, habereque commercium cum omni natione quæ sub coelo est, et Christiano nomine gloriatur, vehementer dolui carere Lusitanos arte, qua suam linguam exteris addiscendam proponant. Est enim perspicuum in spiritualibus, et temporalibus sperari maximum emolumentum ex facilitate addiscendæ nostræ linguæ, ut exteri, sive mercatores suis opibus nos distent, et nostris ditentur, sive concionatores pervadant usque ad fines Orbis, seu Lusitani imperii, ubi nationes barbaras veris Evangelii divitiis locupletent”⁶ (PEREIRA 1672: “ad lectorem”, ã 6 v.). Esta gramática também se destinava aos Portugueses, ainda que não fosse este o seu primeiro público. Bento Pereira di-lo quer no título da obra (*ut ab omnibus tum domesticis, tum exteris frequentari possint*), como já fizemos referência, quer no prefácio ao leitor, logo no primeiro parágrafo: “En Candide Lector, qui olim juvenis nondum attingens trigesimum ætatis annum concinnavi Prosodiam, modo senex tribus jam annis excedens sexagesimum concinnavi Lusitanæ linguæ Grammaticam, quam tibi, si exter fueris, addiscendam, si domesticus, corrigendam offero”⁷ (PEREIRA 1672: “ad lectorem”, ã 6 r.). Não é, contudo, este o seu primeiro destinatário, pois “com esta palavra [“domesticus”] o autor apenas pretendia indicar que, de facto, ela servia igualmente para os compatriotas que, sabendo latim, quisessem utilizá-la” (GOMES 1944: 650). Esta ideia volta a ser reforçada na última parte

gadores da fé Cristã em todo o vastíssimo império dos Portugueses entre as nações selvagens e incultas”.

- ⁶ “Como não se me esfria o amor da pátria, embora se arrefeça a idade, mas mais e mais se incendeia, sobretudo neste tempo em que vejo que Portugal, depois que lutou venturosamente, está em paz, que concedeu de bom grado, e estabeleceu o comércio com toda a nação que está sob o firmamento, e glorifica com o nome de Cristo, dói-me muito que os portugueses careçam de uma arte com a qual apresentem a sua língua aos estrangeiros para ser aprendida. É, pois, evidente que, quer no espiritual quer no laico, se espera um maior proveito na facilidade de aprender a nossa língua, para que quer os comerciantes estrangeiros nos enriqueçam com os seus bens e se enriqueçam com os nossos, quer os pregadores vão até aos confins da terra ou do império lusitano, onde as nações bárbaras se enriquecem com os bens verdadeiros do Evangelho”.
- ⁷ “Eis benévolo leitor, aquele que outrora jovem ainda não atingindo trinta anos de idade compus a Prosódia, somente velho excedendo em três anos o sexagésimo compus a Gramática de Língua Portuguesa, que te ofereço, se fores estrangeiro, para que a aprendas, se nacional, a corrijas”.

(“classis V”) da *Ars Grammaticæ* quando afirma, por exemplo, que “nobis in hac Lusitana Grammatica sermo non est de syllabis in ordine ad pangenda carmina, sed solum in ordine ad erudiendos tum domesticos, tum exteros circa quantitatem syllabarum, ut scilicet juxta certas normas de recta pronunciatione, noscant Lusitana vocabula apte producere, vel corripere, quando pronuncient”⁸ (PEREIRA 1672: 204).

A *Ars Grammaticæ* é, em síntese, uma gramática normativa e o método é unicamente o dedutivo e expositivo. Bento Pereira não dá quaisquer explicações sobre a sua estrutura nem a sua ordenação e raramente faz menção a outros gramáticos e autores, apenas, uma ou outra vez, a Marco Varrão (177⁹) e o P.e António Vellez (185¹⁰ e 189¹¹). O autor estabelece algumas comparações com outras línguas, quase sempre com o Latim, mas também frequentemente com o Castelhana e, nas conjugações verbais, apresenta a tradução italiana — inexplicavelmente, porque está completamente apartado do restante da obra, mas anuncia-se no título: “*In gratiam Italorum conjugationibus Lusitanis Italæ correspondent*” —. A *Ars Grammaticæ* está dividida em 5 secções (“classes”), cada uma das quais com um número variável de divisões / “cadeiras” (“subsellia”), até à página 230, e dois excertos finais: um acroama moral (231-285) e a *Orthographia Lusitana* (286-323), acrescida de um índice temático remissivo.

A “Classis I” (“De nominibus, & eorum declinationibus”), constituída por 34 páginas, é dedicada à fonética e à morfologia portuguesas, particularmente sobre o alfabeto português e o substantivo. Embora mantendo os seis casos das línguas clássicas, defende que os nomes, substantivos ou adjectivos, não têm variação e o caso é definido pela preposição ou “partícula” que lhe antecede: “*Nomina Lusitana quamvis in se ipsis nullam habeant diversitatem casuum,*

⁸ “Nesta Gramática Portuguesa não temos o discurso acerca das sílabas em ordem a fazer versos, mas só em ordem para os que ensinam, tanto nacionais como estrangeiros, sobre a quantidade das sílabas, de modo a que, por exemplo, a par de certas normas sobre a correcta pronúncia, saibam produzir correctamente ou adulterar os vocábulos Portugueses quando [os] pronunciem”.

⁹ “*Marcus Varro Grammaticus antiquus derivationes partitur in voluntarias & naturales*” (PEREIRA 1672: 177).

¹⁰ “*Quamvis apud Latinos genus sit triplex, masculinum, fæmininum, & neutrum, sub quibus alia continentur, tamen apud Lusitanos (ut notavit P. Vellez in commen. Artis ad regulam Respicimus fines &c.) genus est duplex, masculinum, & foemininum, sicut in lingua Hebræa, Chaldaica, & Africana*” (PEREIRA 1672: 185)

¹¹ “*Quamvis in lingua Latina nomina quæ significant insulas, provincias, civitates, naves, & poeses sint generis foeminini cum exceptionibus, quas quas assert P. Vellez in Commen. regularum generis, ad regul. Insula foeminea, &c. tamen in lingua Lusitana observabitur sequens regula, quae longe diversa est*” (PEREIRA 1672: 189).

sicut habent pronomina (...) accipiunt tamen quandam veluti extrinsecam diversitatem casuum a particulis a, o, ao: as, os, aos: de, da, do dos: & a propositionibus na, no nas, nos: pêra, em, com sem, quæ regulariter ponuntur ante prædicta nomina, & absque ulla variatione intrinseca faciunt illa æquipollere nominibus Latinorum casus diversos per intrinsecam mutationem habentibus jam in numero singulari, quam in numero plurali”¹² (PEREIRA, 1672: 18).

A “Classis II” (“De verbis, & eorum conjugationibus”) preenche mais de metade de toda a gramática (143 páginas) e é dedicada à morfologia das 3 conjugações dos verbos portugueses. Para Bento Pereira, o verbo “est part orationis, quæ modos & tempora habet: neque in casus declinatur”¹³ (PEREIRA, 1672: 34), divide-se em: pessoal e impessoal; activo, passivo e neutro, e tem cinco modos (indicativo, imperativo, optativo, conjuntivo e infinitivo) e, no indicativo, tem 6 tempos, dois supinos, quatro participios e três gerúndios.

A “Classis III” (“De dictionibus Lusitanis absolute acceptis: & de illis quæ nec sunt nomina, nec verba”) é o capítulo mais pequeno de toda a gramática (apenas 10 páginas) e apresenta as outras “partes orationis” que não são verbos nem nomes: advérbios, preposições, conjunções e interjeições.

A “Classis IV” (“De generibus nominum, ac præteritis verborum”) tem 16 páginas e analisa o género dos nomes em Português, no referente quer à sua significação quer à terminação do mesmo, e ainda uma breve reflexão sobre a formação dos pretéritos em Português, por comparação com a multiplicidade de formas em Latim.

Por último, a “classis V” (“De syntaxi; & syllabis linguæ Lusitanæ”), com 31 páginas, apresenta um breve excuro sobre análise sintáctica, porque, segundo Bento Pereira, “[syntaxim] apud Lusitanos esse brevissimam, & facillimam ex contraria ratione”¹⁴ (PEREIRA 1672: 200) e “hæc tam pauca complectuntur universam syntaxim Lusitanæ linguæ, quam proinde summa facilitate, & absque erroris periculo nationes extræe possunt addiscere, simulque intelligere

¹² “Os nomes portugueses ainda que em si próprios não tenham nenhuma diversidade de casos, como têm os pronomes (...), recebem, contudo, igualmente uma certa diversidade de casos com as particulas a, o, ao: as, os, aos: de, da, do dos: e com as preposições na, no nas, nos: pêra, em, com sem, que se colocam normalmente ante os declarados nomes, e sem nenhuma variação intrínseca fazem-nos equivaler aos nomes dos Latinos que têm casos diferentes por mutação intrínseca tanto no número singular como no número plural.

¹³ [O verbo]“é uma parte da oração, que tem modos e tempos: e não se declina em casos”.

¹⁴ ... “[a sintaxe] é para os portugueses, pela razão contrária, muito breve, e muito fácil”.

quantum in hac parte lingua nostra excedat Latinam, in qua innumerabilium præceptorum, & exceptionum vastitas obruit tyrones, torquet studiosos, & etiam peritissimos quosque exponit errandi periculo”¹⁵ (PEREIRA 1672: 203), embora, para o autor, esta não seja uma qualidade intrínseca do Português, por comparação com o Latim, mas de todas as línguas vulgares: “Scio laudem hanc non esse nostræ linguæ peculiarem, sed communem omnibus fere linguis, quæ vulgares sunt, & jam in toto orbe percrebuere”¹⁶ (PEREIRA 1672: 203).

Entre as páginas 231 e 285, a *Ars Grammaticae* tem um conjunto de frases bilingues, ou acroamas morais, em Português e Latim, sobre as virtudes e os vícios, para a aquisição de vocabulário, tanto por estrangeiros como por portugueses: *Acroamata Moralia, Lusitanicolatina de virtubis, & vitiis: pro acquirenda pia, atque uberi copia Lusitanæ linguæ, tum ab exteris, tum a domesticis*¹⁷, com o duplo objetivo: aquisição de vocabulário e a formação moral e religiosa dos leitores.

Por último, Bento Pereira apresenta um tratado sobre a ortografia portuguesa em Latim. Ao contrário da crítica de Verney anteriormente citada, trata-se de uma tradução da primeira e da terceira partes das *Regras Gerays Breves, & comprehensivas da melhor ortografia* (Lisboa 1666), isto é, das regras comuns à ortografia portuguesa e latina (p. 286-298) e das regras que são específicas da língua portuguesa (p. 298-323) e não de uma obra original primeiramente escrita em Latim.

Conclusão

A *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira (Lisboa 1536), para além de ser a primeira gramática do Português e uma das primeiras gramáticas de línguas romances em toda a Europa, é um marco na historiografia linguística portuguesa, com análises minuciosas e rigorosas do Português do

¹⁵ “Estas tão poucas [palavras] abrangem toda a sintaxe da língua portuguesa, que, em consequência, podem aprender as nações estrangeiras, com a máxima facilidade e sem perigo de erro, e, ao mesmo tempo, compreender quanto nesta parte a nossa língua excede a Latina, em que a vastidão dos inumeráveis preceitos, e excepções aniquila os aprendizes, atormenta os estudiosos, e também expõe todos os inteligentíssimos ao perigo de errar”.

¹⁶ “Sei que este elogio não é particular à nossa língua, mas comum a quase todas as línguas, que são vulgares e já se espalharam em todo o mundo”.

¹⁷ “Acroamas Morais, Portugueses-Latinos sobre as virtudes e os vícios: para adquirir eloquência piedosa e fecunda de língua Portuguesa, tanto pelos estrangeiros como pelos nacionais”.

século XVI, demonstrando conceitos pré-teoréticos, muitos deles, ainda hoje válidos e aceites pelos linguistas. Em síntese, apresenta os seguintes pontos de interesse para a linguística portuguesa contemporânea: tratamento – ainda que casuístico e pouco sistemático – das oito partes do discurso, com destaque especial para o artigo – como marca do caso –, o nome e o verbo; constatação da existência de quatro casos na língua lusa – nominativo (prepositivo), genitivo (possessivo), dativo e acusativo (pospositivo) –; inovações terminológicas, fundamentalmente no referente à designação dos casos e às teorias de composição e de derivação; e, sobretudo, a descrição fonética pormenorizada do Português do século XVI, a delineação da norma linguística e a percepção da existência de variantes diastráticas e diatópicas. “Fernão de Oliveira, não obstante as suas tergiversações como homem, ganhou jus à imortalidade, que lhe outorgou sem favor a língua portuguesa como ao primeiro que ousou objectivar-lhe as estruturas, delinear-lhe o corpo orgânico, captar-lhe o fôlego e o espírito, propô-la como modelo de aprendizagem e de estudo contra o predomínio da latina e da castelhana” (TORRES e ASSUNÇÃO 2000: 26). Para Eugenio Coseriu, “Oliveira () supera de longe tudo o que, pelo menos até hoje, conhecemos nesse campo [fonética empírica] em toda a România. Através da sua clara intuição da funcionalidade linguística e da distinção, aplicada frequentemente também na descrição concreta, entre os esquemas funcionais da língua, esquemas às vezes só virtuais (“sistema da língua”) e a sua realização (“norma da língua”), ele antecede o seu tempo na descrição linguística em geral e apresenta-se como um dos gramáticos mais originais de toda a Renascença” (COSERIU, 2000: 31).

Por outro lado, havia mais de 135 anos que a gramática portuguesa começara os seus primeiros passos, mas faltava uma gramática portuguesa especialmente vocacionada para o ensino desta língua para estrangeiros. A *Ars Grammaticæ pro Lingua Lusitana addiscenda Latino idiomate proponitur* (Lugduni 1672) de Bento Pereira é uma obra sistémica bastante completa, expositiva, abrange todas as partes tradicionais da gramática (fonética, morfologia e sintaxe) e ainda têm um excursão bilingue (Português-Latim) com frases que poderiam ser empregues, para além da formação moral dos jovens, para exercícios de tradução (ou retroversão), e ainda a primeira e a terceira parte das *Regras geraes, breves e comprehensivas da melhor orthographia* (Lisboa 1666), para facilitar e uniformizar a ortografia de ambas as línguas, mas particularmente do Português. Os jesuítas tinham colégios em todo o mundo e, por isso, sentiam necessidade de uma obra que pudessem ensinar a língua de Camões a todos os estrangeiros que a quisessem aprender, para facilitar o comércio com os portugueses e a evangelização dos povos “bárbaros”. Foram

fundamentalmente estes dois motivos que levaram o alentejano Bento Pereira a escrever aquela que consideramos a primeira gramática de Português como língua estrangeira, precisamente cem anos depois da *De Institutione Grammatica Libri Tres* (Lisboa 1572) do também jesuíta Manuel Álvares, obviamente na língua franca da época: o Latim.

Referências bibliográficas

- Alvará Régio sobre a ordenação das classes de Latinidade*, de 30 de Setembro de 1770 (9 de Outubro de 1770) Lisboa: Regia Officina Typográfica, na Chancellaria Mór da Corte, e Reino.
- ASSUNÇÃO, Carlos. “Ponto de situação da gramática no nascimento da primeira gramática da lusofonia: A Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira”. In: *Anais da UTAD: Revista de Letras*, n.º 1. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1997.
- ASSUNÇÃO, Carlos & FERNANDES, Gonçalo. “Amaro de Roboredo, gramático e pedagogo português seiscentista, pioneiro na didáctica das línguas e nos estudos lingüísticos”. In: Roboredo, Amaro de. *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Edição facsimilada. Prefácio e Estudo Introdutório de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Colecção Linguística, 1: XI-CII, 2007.
- BARBOSA, Jorge Morais. *Études de Phonologie Portugaise*. Évora: Universidade de Évora, Divisão de Línguas e Literatura, 1983.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. “Introdução”. In: *Gramática da Língua Portuguesa, Cartilha, Gramática, Diálogo em Louvor a nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. “Introdução”. In: *A Gramática da Linguagem Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1975.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. Babel ou a Ruptura do Signo: A gramática e os gramáticos portugueses do século XVI. Coleção “Temas Portugueses”. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.
- CAVALIERE, Ricardo. *Pontos Essenciais em Fonética e Fonologia*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.
- COSERIU, Eugenio. “Língua e Funcionalidade em Fernão de Oliveira”. In: *Gramática da Linguagem Portuguesa*, Edição Crítica, Semidiplomática e Anastática. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000, p. 29-60.

- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1987.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *As concepções lingüísticas no século XVIII: a gramática portuguesa*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996
- FERNANDES, Gonçalo. *Amaro de Roboredo, um Pioneiro nos Estudos Linguísticos e na Didáctica das Línguas*. Tese de Doutoramento. Vila Real. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2002.
- FERNANDES, Gonçalo. “A Primeira Gramática do Português como Língua Estrangeira Lugduni 1672”. In: *Actas del VI Congreso SEHL* (Cádiz: 6-9 de noviembre de 2007). Universidad de Cádiz: (no prelo).
- FERNANDES, Gonçalo. “A Grammatica da Lingoagem Portuguesa (Lisboa 1536) de Fernão de Oliveira (1507-1581) e a Linguística Portuguesa Contemporânea”. In: *Revista da Academia Brasileira de Filologia*. Nova Fase. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, n.º V, 2008.
- FONSECA, Maria do Céu. *Historiografia Linguística Portuguesa e Missionária: Preposições e Posposições no Século XVII*. Coleção “Estudos e Ensaio”, 1. Lisboa: Edições Colibri, 2006.
- GOMES, J. Pereira. “Verney e o Jesuíta Bento Pereira”. In: *Brotéria*, v. XXXVIII, 1944, p. 647-653.
- GONÇALVES, Maria Filomena: *As ideias ortográficas em Portugal – De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003.
- KEMMLER, Rolf. Esboço para a História da Ortografia Portuguesa. O texto metaortográfico e a periodização da ortografia do século XVI até aos prelúdios da primeira reforma ortográfica de 1911. Dissertação de Mestrado. Tübingen: Universidade de Tübingen, 1996.
- LOBATO, António José. *A arte de grammatica da lingua portugueza*. Edição crítica de Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências, 2000 [1770].
- MATEUS, Maria Helena Mira. “Fonologia”. In: *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.
- OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Edição Crítica, Semidiplomática e Anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000 [1536].
- PEREIRA, Bento. *Regras Gerays, breves, e comprehensivas da melhor Orthografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina, e Portugueza, para se ajuntar á Prosodia*. Lisboa: Domingos Carneiro, 1666.
- PEREIRA, Bento. *Ars Grammaticæ pro Lingua Lusitana addiscenda Latino Idiomate proponitur, in hoc libello, velut in quadam academiola divisa in*

- quinque classes, instructas subselliis, recto ordine dispertitis, ut ab omnibus tum domesticis, tum exteris frequentari possint. Ac finem ponitur Orthographia, ars recte scribendi, ut sicut prior docet recte loqui, ita posterior doceat recte scribere linguam Lusitanam. In gratiam Italorum conjugationibus Lusitanis Italæ correspondent. Ludguni: Sumptibus Laurentii Anisson, 1672.*
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. “La pedagogía del latín en Portugal durante la primera mitad del siglo XVII: cuatro gramáticos lusitanos”. In: *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*. Madrid: Servicio de Publicaciones U.C.M., 1996, n.º 10, p. 217-228.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. *Aproximación a la obra de Manuel Álvares: Edición Crítica de sus De Institutione Grammatica Libri Tres*. Tese de Doutoramento. Madrid: Departamento de Filología Latina da Facultad de Filología da Universidade Complutense, 2000.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. “En Álvarez en Vernáculo: Las Exégesis de los *De Institutione Grammatica Libri Tres* en Portugal durante el Siglo XVII”. In: *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas*. II Série, v. XVIII. Porto: 2001, p. 317-338.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. “Un capítulo de la historia de las ideas sintácticas en Portugal: en torno a la teoría sintáctica del *Ars grammaticæ pro lingua lusitana addiscenda* (Lyon, 1672) de Bento Pereira (S.I.)”. In: *Forma y función*. Bogotá, Facultad de Ciencias Sociales y Humanas de la Universidad Nacional de Colombia, 2006, 19: 11-30.
- SCHÄFER-PRIESS, Barbara. “Die Verbalmodi in den Grammatiken von Manuel Alvares (1572) und Bento Pereira (1672)”. In: *Historiographia Linguistica*, 1993, 20: 2/3: 283-308.
- TORRES, Amadeu. *Gramática e Linguística: Ensaios e Outros Estudos*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia – Instituto de Letras e Ciências Humanas, Centro de Estudos Lingüísticos, 1998.
- VERDELHO, Telmo. Historiografia e reforma do ensino: a propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marques de Pombal. In: *Bri-gantia*, v. II, 1982, 4: 347-360.
- VERDELHO, Telmo. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro: INIC, 1995.
- VERNEY, Luís António de. *Verdadeiro Método de Estudar*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa, 1949-1952 [1747].